

## O Criador, a criatura e a criação: para uma primeira leitura teológica

Eva Aparecida Rezende de Moraes<sup>1</sup>

Começamos com uma pergunta: qual a relevância hoje do tema “Deus Criador”? O próprio Papa *Francisco*, em sua Encíclica *Laudato si* (LS), reconhece essa inquietação<sup>2</sup>. Ele não ignora que alguns, principalmente no campo da política e do pensamento, rejeitam a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante (LS, n. 62). Mas ele destaca, em seu texto, a riqueza que as religiões podem oferecer para a construção de uma *ecologia integral* e para o pleno desenvolvimento do gênero humano. O Papa afirma que a ciência e a religião, mesmo fornecendo diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas. Ele não ignora que, para transformar a realidade, é necessário, também, recorrer às diversas riquezas culturais dos povos, à arte, à poesia e à espiritualidade – nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria podem ser esquecidos. Afirma que a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, produzindo sínteses entre fé e razão – inclusive nas questões sociais, como bem mostra a *Doutrina Social da Igreja* (LS, n. 63). Outro motivo importante, segundo o Papa Francisco, para uma contribuição teológica nesse assunto é o fato de que as convicções da fé cristã oferecem aos católicos e, em parte, também a outros crentes, motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis (LS, n. 64).

Inicialmente, ao tratarmos de um Criador, nos defrontamos com os *desafios ecológicos* dos dias de hoje. Como se sabe, houve grande crescimento, em todo o mundo – especialmente da década de 70 para cá –, de conferências, simpósios e congressos, com objetivos claros de se pensar políticas públicas, nacionais e internacionais, voltadas, majoritariamente, para a preservação do meio ambiente. A *Organização das Nações Unidas* (ONU), juntamente com a *Organização Meteorológica Mundial* (OMM) criaram, em 1988, o chamado *Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas* (IPCC), que tem fornecido diversas informações científicas, técnicas e socioeconômicas de forma relevante e neutra, possibilitando, aos gestores públicos, muitos auxílios na formatação e criação de leis ambientais. Atualmente, o nosso maior problema ou desafio é, sobretudo, de caráter decididamente filosófico, segundo o autor *Leonardo Boff* (1996, p. 52): o maior desafio hoje, é tentar estabelecer, no ser humano, uma *consciência ecológica*.

Diante desse desafio – conciliar as pesquisas científicas e o olhar teológico cristão –, a Igreja Católica tem se posicionado em vários Documentos. Um bastante interessante é a Encíclica *Fides et ratio* (Fé e razão), do Papa João Paulo II, de 14 de setembro de 1998. O

<sup>1</sup> Física e Teóloga, professora do Setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio

<sup>2</sup> Cf. PAPA FRANCISCO. Encíclica *Laudato si*. In: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

Documento abre, dizendo que: “A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. A busca da verdade marca o ser humano – e não somente nos escritos judaico-cristãos, como nos diz esse Documento acima:

(...) Basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram, simultaneamente, em diversas partes da terra, animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: Quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida? Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem, também, nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam, ainda, quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípedes e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles. São questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende, efetivamente, a orientação que se imprime à existência (n. 1).

Neste e em outros Documentos, a Igreja reconhece que

(...) uma razão cheia de interrogativos levou por diante o seu desejo de conhecer sempre mais ampla e profundamente. Desta forma, foram construídos sistemas de pensamento complexos, que deram os seus frutos nos diversos âmbitos do conhecimento, favorecendo o progresso da cultura e da história. A antropologia, a lógica, as ciências da natureza, a história, a linguística, de algum modo todo o universo do saber foi abarcado (...) (n. 5).

O Documento, ainda, nos diz que esta ligação vem desde as Sagradas Escrituras:

Quão profunda seja a ligação entre o conhecimento da fé e o da razão, já a Sagrada Escritura no-lo indica com elementos de uma clareza surpreendente. (...) Não é por acaso que o autor sagrado, ao querer descrever o homem sábio, o apresenta como aquele que ama e busca a verdade: ‘Feliz o homem que é constante na sabedoria, e que discorre com a sua inteligência; que repassa no seu coração os caminhos da sabedoria, e que penetra no conhecimento dos seus segredos...’ (Sir 14, 20-27)”. (n. 16)

Assim,

(...) o caráter peculiar do texto bíblico reside na convicção de que existe uma unidade profunda e indivisível entre o conhecimento da razão e o da fé. O mundo e o que nele acontece, assim como a história e as diversas vicissitudes da nação, são realidades observadas, analisadas e julgadas com os meios próprios da razão, mas sem deixar a fé alheia a este processo...

E mais:

Não há motivo para existir concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização. Aponta nesta

direção o livro dos Provérbios, quando exclama: 'A glória de Deus é encobrir as coisas, e a glória dos reis é investigá-las' (25, 2).

Outro Documento que também nos ajuda na questão atual dos desafios do ecossistema é de 1991, do Papa *João Paulo II*: a Encíclica *Centesimus annus*, onde lemos, no n. 55: “*A dimensão teológica revela-se necessária para interpretar e resolver os problemas atuais da convivência humana*”. Tem sido feito um esforço intelectual, entre os teólogos, de fundamentar uma teologia com esse foco: a *ecoteologia* está voltada para o desenvolvimento de uma postura cristã, onde, o que predomina, são tentativas de revigorar e fortalecer uma atitude ética e moral, preocupada com a preservação e o futuro do planeta. Esse pequeno artigo é uma tentativa de dizer uma palavra teológica, mesmo que superficialmente, a esse respeito.

Um dos valores éticos mais profundos e mais identificadores da humanidade é a *liberdade*. Segundo a Tradição cristã, a liberdade humana é marcada por *múltiplas relações*: com o cosmos (= natureza), com os outros (= sociedade) e com o Transcendente (= Deus)<sup>3</sup>. Alguns teólogos recentes – como, por exemplo, *Garcia Rúbio* (1989), *Antonio Moser* (1992) e *Josafá Siqueira* (1998) – procuram fundamentar que a crise ecológica que vivemos desde a Modernidade, está ligada, profundamente, a uma crise *do próprio ser humano e da sociedade como um todo*. A cultura da modernidade foi marcada por um *antropocentrismo* (ética tendo como centro o ser humano) arrogante, egoísta e individualista, que entendeu o ser humano como *senhor absoluto da natureza*, dispondo dela de maneira meramente mecanicista e depredatória, visando, muitas vezes, apenas à produtividade e ao lucro que ela proporciona. Esta marca cultural ignora a presença de Deus na natureza: sem um Criador e sem um objetivo maior para ser criada, a natureza deixa de ser *Criação*, sendo, apenas, um mero fruto do acaso e algo para ser “consumido”. Portanto, para esses e outros autores, essa *crise ecológica* se tornou, também, uma *crise antropológica*, porque quebrou uma relação, antes criada inseparavelmente segundo a fé judaico-cristã, entre ser humano e natureza. Na Modernidade, o ser humano não se sentiu mais *parte da natureza*, mas dono dela. Essa crise *ecoantropológica* provocou uma desarticulação e uma desintegração entre as diversas expressões da pluralidade da liberdade humana. Segundo, por exemplo, *Garcia Rúbio*, o papel da teologia é mostrar a relação íntima existente entre ser humano, cosmo criado e Criador. Por sua vez, não é de estranhamento dos teólogos, uma crítica que alguns autores têm feito ao Livro Sagrado de judeus e cristãos, no Livro do Gênesis, que trata da Criação, por Deus, do cosmos e do ser humano, no Capítulo 1,26-28:

---

<sup>3</sup> Cf. SIQUEIRA, Josafá Carlos de, S.J. *Ética e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Loyola. 1998. P. 35.

Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e **dominai** a terra. **Dominai** sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra”.

*Elias Gomes da Silva* é um dos autores que nos revelam essa crítica feita nas últimas décadas a essa passagem do texto bíblico: o mandato divino ao ser humano de “dominar” a terra<sup>4</sup>. Segundo os críticos, este teria sido um dos motivos da enorme depredação feita ao planeta, especialmente no século XX. Houve críticas elaboradas nas décadas de 60 e 70 nos Estados Unidos, sobretudo por alguns ambientalistas – dentre os quais, se destacou *Lynn White Branco Jr.* (1908-1988). Essas críticas foram respondidas pela comunidade teológica ao longo desses anos, culminando na criação de uma teologia eminentemente preocupada em estabelecer uma releitura de textos canônicos, a partir de uma hermenêutica profundamente de caráter ecológico (REIMER, 2008, p. 85). O Papa Francisco, em sua Encíclica *Laudato si*, afirma que essa não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja: se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos incorretamente as Escrituras, hoje devemos rejeitar que, do fato de sermos criados à imagem de Deus e do mandato de “dominar a terra”, se deduza um *domínio absoluto* sobre as outras criaturas – segundo o Papa nessa Encíclica, é importante ler os textos bíblicos no seu contexto (n. 67).

Sem aprofundarmos no método de análise escriturística, autores como *Josafá Siqueira* fundamentam que, no Livro acima citado, no conjunto da narrativa, existe uma *unidade criacional* – ou seja: Deus criou todas as coisas de maneira integrada. A criação do cosmos está *relacionada* com a criação do ser humano<sup>5</sup>. Percebe-se, no relato, que Deus tem um *mesmo olhar* sobre todas as criaturas: um olhar de amor e bondade. Assim vemos, em várias partes do Capítulo 1:

<sup>10</sup> Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. **E Deus viu que isto era bom.** (...) <sup>12</sup> A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respectiva semente. **Deus viu que isto era bom.** (...) <sup>17</sup> Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra, <sup>18</sup> para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. **E Deus viu que isto era bom.** (...) <sup>21</sup> Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as

<sup>4</sup> SILVA, Elias Gomes da. “Religiosidade e Meio Ambiente: das Críticas dos Ambientalistas à Construção de uma Ecoteologia” (Religion and the Environment: The Environmental Criticism of Building a the Ecotheology). In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo> - Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952x vol. 4, n.6, jun/dez, 2010, pp. 132-140.

<sup>5</sup> Cf. SIQUEIRA, Josafá Carlos de, *op. cit.*, p. 35.

suas espécies. **E Deus viu que isto era bom.** (...) <sup>25</sup> Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. **E Deus viu que isto era bom.** (...) <sup>26</sup> Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra». (...) <sup>27</sup> Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. (...) <sup>31</sup> **Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.**

Como podemos ver acima, o juízo ético judaico-cristão sobre a natureza e o ser humano é *positivo*, resguardando a *bondade* que existe no todo criado – uma bondade que procede do seu Criador, que é sumamente Bom. Podemos observar que, *após a criação do ser humano – homem e mulher – pelo Criador, Ele observou, ao contemplar toda a Sua obra, que ela é muito boa!* Essa *bondade* que procede do Criador está presente, portanto, *em toda a Criação*. Dentro desse conjunto de análises, podemos, então, concluir que o mandato de “dominar” a terra deve vir entre aspas – ou seja: se é um domínio, deverá ser um domínio *amoroso* e *cuidador!* Isto aparece claramente no Capítulo 2 do mesmo Livro (Gênesis), versículo 15, onde temos, concretamente, a vocação primeira do ser humano, criado por Deus: “O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o **cultivar** e também para o **guardar**”. O Papa Francisco, em sua Encíclica *Laudato si*, nos recorda que “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno e, “guardar”, significa proteger, cuidar, preservar, velar – o que implica uma relação de reciprocidade responsável entre ser humano e natureza (n. 67).

Como entender esses dois relatos assim distintos no mesmo Livro do Gênesis, em se tratando da Criação de Deus? *Garcia Rubio* (1989) fundamenta que, na Bíblia, aparecem *duas tradições interpretativas*: a primeira (“dominai a terra”) é mais *antropocêntrica*, onde o ser humano se destaca da natureza; na segunda (“cultivar e guardar”), a perspectiva é mais *cosmocêntrica*, sublinhando a participação do ser humano no cosmos<sup>6</sup>. Esta última tradição, que ressalta mais a *unidade* entre ser humano e cosmos, está presente em outras partes do texto bíblico, como, por exemplo: “Vós, Senhor, quereis salvar o homem e os animais” (Salmo 36,7); “O justo florescerá como uma palmeira, crescerá como cedro do Líbano; plantados na casa do Senhor, nos átrios de nosso Deus não de florir. Ainda na velhice, darão frutos cheios de seiva e verdejantes, para proclamar que o Senhor é justo, que em Deus não existe qualquer mal!” (Salmo 92,13-16); “Ele deu uma ordem e tudo foi criado; Ele fixou tudo pelos séculos sem fim e estabeleceu leis a que não se pode fugir!” (Salmo 148, 5b-6); “Se vires o jumento do teu irmão ou o seu boi caídos no caminho, não te desvies deles, mas ajuda-os a levantarem-se. (...) Se encontrares no caminho, em cima de uma

<sup>6</sup> Cf. *ibidem*, p. 36-37.

árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada” (Deuteronômio 22, 4.6); o descanso do sétimo dia não é proposto só para o ser humano, mas “...para que descansem o teu boi e o teu jumento” (Êxodo 23, 12). Assim, vemos que a *bondade* do Criador está presente em toda a Sua Criação.

Segundo o n. 20 do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*<sup>7</sup>, toda autêntica experiência religiosa, em todas as tradições culturais, conduz a uma intuição do Mistério de Deus: Ele aparece, por um lado, como *origem daquilo que é*, como presença que garante aos homens, socialmente organizados, as condições básicas de vida, pondo à disposição os bens necessários; e, por outro lado, como *medida do que deve ser*, como presença que interpela o agir humano — no plano pessoal e no social — sobre o uso dos mesmos bens nas relações com os outros homens. Em toda experiência religiosa, portanto, se revelam importantes: (i) a dimensão do *dom* e da *gratuidade*, subjacente à experiência que a pessoa humana faz do seu existir junto com os outros no mundo; e (ii) as repercussões desta dimensão sobre a consciência do homem, que é interpelado a gerir *de forma responsável e convival* o dom recebido. Esta é a *regra de ouro*, em que se exprime, no plano das relações, a lei inscrita por Deus no ser humano: “*Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles*”. Ainda no *Compêndio*, vemos o *princípio da criação de todas as coisas por parte de Deus*: afirmar que Deus é Criador significa perceber o horizonte originário do agir gratuito e misericordioso do Senhor em favor do ser humano – o homem e a mulher, criados à Sua imagem e semelhança (cf. *Gn 1, 26-27*), são, por isso mesmo, chamados a ser o  *sinal visível* e o  *instrumento eficaz* da gratuidade divina no jardim em que Deus os pôs como cultivadores e guardiões (n. 26). O sentido profundo da Criação vem expresso pelo *agir gratuito de Deus Criador* – ainda que obscurecido e distorcido pela experiência do pecado dos nossos primeiros pais (cf. *Gn 3, 1-24*): desobedecer a Deus significa furtar-se ao seu olhar de amor e querer administrar por conta própria o mundo. A ruptura da relação de comunhão com Deus provoca também ruptura: da unidade interior da pessoa humana, da comunhão entre o homem e a mulher e da harmonia entre os humanos e não humanos (n. 27).

O *Compêndio* ainda nos recorda que as páginas do primeiro livro da Sagrada Escritura, que descrevem a criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn 1, 26-27*), encerram um ensinamento fundamental sobre a identidade e a vocação da pessoa humana: (i) a criação do homem e da mulher é um ato livre e gratuito de Deus; (ii) o homem e a mulher, porque livres e inteligentes, constituem o *tu* criado de Deus

---

<sup>7</sup>Cf.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compndio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compndio-dott-soc_po.html) .

e, por isto, somente na relação com Ele podem descobrir e realizar o significado autêntico e pleno de sua vida pessoal e social; (iii) o homem e a mulher são a imagem do Amor Trinitário no universo criado; (iv) ambos são o ápice da criação e o Criador lhes confia a tarefa de ordenar a natureza criada – mas segundo o desígnio do seu Criador (cf. *Gn* 1, 28) (n. 36). O livro do *Gênesis* nos propõe algumas linhas mestras *da antropologia cristã*: (i) a inalienável dignidade da pessoa humana, porque criado por Deus; (ii) a sociabilidade constitutiva do ser humano, que tem o seu protótipo na relação originária entre o homem e a mulher – primeira expressão da comunhão de pessoas; (iii) o agir humano no mundo deve ser ligado à descoberta e ao respeito da *lei natural* que Deus imprimiu no universo criado, onde a humanidade deve habitar e guardar, segundo o projeto do Criador (cf. 2Pd 3, 13).

Também em sua Encíclica *Laudato si*, o Papa Francisco afirma que a responsabilidade humana perante a Criação e o Criador implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo (n. 68). Podemos fazer um uso responsável das coisas e reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus, “*pelo simples fato de existirem*”; por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas (n. 69). Hoje, a Igreja não diz, de forma simplista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, mas ensina, em seu *Catecismo*<sup>8</sup>, no n. 339:

Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas.

Encerramos, assim, esse breve texto, nos perguntando: quais seriam, enfim, os *princípios teológicos* que devem estar presentes na construção de uma ética ambiental? Quem nos ajuda a responder é Pe. *Josafá Siqueira*<sup>9</sup>. Segundo este autor, seriam eles:

(i) A *bondade* – olhar a natureza com bondade significa reconhecer a presença amorosa de Deus em tudo e em todos. Com esse olhar, *contemplamos* a natureza – o que não significa um sentimento romântico, mas uma atitude teológica, que percebe que cada criatura, cada diferença neste pluriverso mundo da natureza, é reflexo e espelho da presença do Criador. Para isso, precisamos desenvolver uma *sensibilidade* para os detalhes de cada ser criado: as diferenças, as singularidades,... Somente através desta sensibilidade é que podemos entender a bondade divina que se manifesta na Criação.

<sup>8</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *In*: [http://www.vatican.va/archive/ccc/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/ccc/index_po.htm) .

<sup>9</sup> Cf. SIQUEIRA, Josafá Carlos de, *op. cit.*, p. 39-40.

(ii) A *solidariedade* – reconhecer que os seres criados estão em íntima relação, e não apenas devido às cadeias biológicas ou ecossistêmicas: na multiplicidade existencial, todos os seres criados estão em *conexão solidária com o Criador*. Essa solidariedade teológica só é compreendida numa visão de fé, e só pode ser buscada na “harmonia dos contrários” inerente a cada ser criado: como afirma *Antonio Moser (1992)*, *todas as formas de vida revelam, ao mesmo tempo, força e fraqueza, grandeza e pequenez, beleza e rusticidade, mansidão e selvageria. Todas as formas de vida são contrastes numa sinfonia harmônica*. O ser humano que destrói o meio ambiente é um ser surdo (não ouvir essa sinfonia) e não solidário (destruir é quebrar a harmonia).

(iii) A *salvação integral* – esta é uma afirmação da fé judaico-cristã: o ser humano e a natureza são salvos ao mesmo tempo. Ao longo da Bíblia, encontramos vários textos que tratam dessa unidade íntima entre o ser humano e a natureza, como, por exemplo, no Livro do Gênesis, Capítulo 9, versículos 8 a 17:

Então disse Deus a Noé e a seus filhos, que estavam com ele: ‘Vou estabelecer a minha aliança com vocês e com os seus futuros descendentes, e com todo ser vivo que está com vocês: as aves, os rebanhos domésticos e os animais selvagens, todos os que saíram da arca com vocês, todos os seres vivos da terra. Estabeleço uma aliança com vocês: nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra’. E Deus prosseguiu: ‘Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras: o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da minha aliança com a terra. Quando eu trouxer nuvens sobre a terra e nelas aparecer o arco-íris, então me lembrarei da minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies. Nunca mais as águas se tornarão um dilúvio para destruir toda forma de vida. Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na terra’. Concluindo, disse Deus a Noé: ‘Esse é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda forma de vida que há sobre a terra’.

Também, no Salmo 36,7: “*Como é precioso o teu amor, ó Deus! Os homens encontram refúgio à sombra das Tuas asas!*”; ou, como escreve *Paulo de Tarso aos Romanos*:

Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à futilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os

primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo (Rm 8,18-23).

Especialmente na Bíblia cristã, o destino último da Criação é vivenciar, plenamente, aquela bondade inerente à mesma, desde o ato criador de Deus. Os cristãos leem, no último Livro da Bíblia – o Apocalipse –, no Capítulo 21, versículos 4 a 7:

E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: 'Eis que faço novas todas as coisas'. E disse-me: 'Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis'. E disse-me mais: 'Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho'.

A Bíblia Sagrada abre, no primeiro Livro – o Gênesis –, com uma palavra positiva acerca da Criação – que criou tudo por Amor e Bondade – e encerra, no último Livro – o Apocalipse – com uma palavra de otimismo sobre a humanidade, o mundo, enfim, a Criação!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *In*: [http://www.vatican.va/archive/ccc/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/ccc/index_po.htm)

PAPA FRANCISCO. *Encíclica Laudato si*. *In*: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

SILVA, Elias Gomes da. "Religiosidade e Meio Ambiente: das Críticas dos Ambientalistas à Construção de uma Ecoteologia" (Religion and the Environment: The Environmental Criticism of Building a the Ecotheology). *In*: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto> - Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952x vol. 4, n.6, jun/dez, 2010

SIQUEIRA, Josafá Carlos de, S.J. *Ética e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Loyola. 1998